Crise nas emergências é briga sem vencedores

O setor das emergências hospitalares é hoje um dos grandes problemas da saúde no Estado. É ali, uma das portas de entrada do Sistema Único de Saúde, talvez o maior programa de assistência de saúde gratuita do Ocidente, que nos defrontamos com um drama que parece não ter fim, embora a solução até seja simples.

Em março, nos dias 25 e 26, o Cremers irá promover um fórum para debater esse tema que mexe profundamente com todos que atuam na saúde. Autoridades e especialistas irão discutir a questão e propor soluções, que passam, sabemos todos, por mais investimentos dos governos em saúde, em especial da União. Aliás, o governo federal já estaria dando uma grande contribuição se regulamentasse o mais rápido possível a Emenda 29, que fixa os percentuais mínimos de investimento dos governos na saúde.

Temos consciência de que a crise nas emergências é uma questão complexa, mas cuja origem é conhecida por todos os protagonistas. A principal delas é a dificuldade de encontrar leitos para baixar os pacientes após o primeiro atendimento, o que acaba determinando que eles fiquem mais tempo que o necessário nas emergências.

A cada ano aumenta o número de enfermos, com maior ou menor gravidade, que acorrem às emergências. Como não existe contrapartida na oferta de vagas na mesma proporção, a superlotação se torna inevitável. Algumas instituições, para garantir um mínimo de qualidade na assistência aos pacientes, fecham suas portas temporariamente até desafogar o setor, onde é comum encontrar pessoas em macas e até em cadeiras ou poltronas. Existem, também, aqueles hospitais que ficam de portas abertas todo o tempo, mesmo que isso sobrecarregue os médicos e outros profissionais da saúde, colocando os pacientes, então, precariamente acomodados, em risco.

Nos últimos 16 anos, de acordo com o Ministério da Saúde, foram fechados mais de 3 mil leitos do SUS no Estado. Desde 1988, ano de criação do SUS, houve queda de 47% no número leitos. De lá para cá, mais de uma dezena de hospitais foram fechados. Um deles, o Independência, excelência em traumato-ortopedia, encerrou as atividades há um ano, contribuindo para aumentar a lotação em outras instituições.

É necessário considerar, também, a tradicional ambulancioterapia. Grande parte dos pacientes atendidos nas emergências de Porto Alegre é oriunda do interior. Uma parcela significativa poderia ser atendida no local de origem, mas a péssima remuneração de médicos e hospitais pelo SUS determina esse deslocamento.

Em meio ao drama de pacientes e médicos, que ficam angustiados por não conseguirem atender da forma como gostariam, existe um cruel "jogo de empurra", praticado friamente pelos gestores dos diversos níveis de gestão pública. Urge o imediato descongelamento da tabela do SUS para permitir que hospitais e médicos do interior possam voltar a prestar atendimento. É uma briga prejudicial à população e também aos médicos, que acabam sobrecarregados, assumindo responsabilidades sobre questões que não são de sua alçada diante do excesso de pacientes. É uma briga sem vencedores.

Dr. Cláudio Balduíno Souto Franzen
Presidente do Cremers

26-espaço_cremers.pmd 124 31/3/2010, 11:21